

A MOTIVAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DE ALFABETIZAÇÃO

REJANE MARIA DE CAMPOS OLIVEIRA¹
BEATRIZ PEREIRA DA SILVA²
SILVANA DE SOUSA RODRIGUES³
ROSE SILLYA ALENCAR BRITO⁴

RESUMO

O objetivo deste artigo é ressaltar a importância da motivação para os processos de aprendizagem e para o sucesso escolar no contexto de alfabetização. Metodologicamente a pesquisa está caracterizada como sendo um estudo bibliográfico. Nos fundamentamos teoricamente em Vygotsky (1999) Piaget (1991) Pozo (2002) e Tapia e Fita, (2000). Consideramos que o envolvimento dos estudantes em cada componente curricular varia muito em função de diversos fatores, individuais e de contexto, e estão intimamente ligados à motivação. Com a língua portuguesa isso também acontece, por isso a importância de se pensar na motivação dos estudantes quando se discute acerca das práticas de alfabetização de crianças. A relação entre a aprendizagem e a motivação vai além de qualquer pré-condição estabelecida, ela é recíproca e, dessa forma, a motivação pode produzir um efeito na aprendizagem e no desempenho, assim como a aprendizagem pode interferir na motivação. Vale salientar que as instituições de ensino e os educadores tem

- 1 Especialista em Psicopedagogia, Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, rejanec793@gmail.com;
- 2 Especialista em Alfabetização de Crianças e Multiletramentos, Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, silva.beatriiz@gmail.com;
- 3 Especialista em Libras e Educação de Surdos, Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, silvanalg170@gmail.com;
- 4 Especialista em Alfabetização e Letramento, Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, sillyabrito1986@gmail.com;

significativo papel na criação de oportunidades para que os estudantes, em especial no contexto de alfabetização inicial, compreendam que possuímos uma potencialidade natural para aprender. À medida que o professor oferta oportunidades aos estudantes de ter contato com situações em que a língua escrita e a leitura sejam exploradas em um clima de autonomia, liberdade e expressão de sentimentos, ele se sente motivado a aprender, descobrir e criar. O papel de facilitador do professor é decisivo no aprender, seja por contribuir ou por barrar o potencial de aprendizagem e desenvolvimento inerente a todo ser humano.

Palavras-chave: Motivação; Aprendizagem; Alfabetização; Sucesso escolar.

INTRODUÇÃO

O presente estudo está centrado na importância da motivação para os processos de aprendizagem e para o sucesso escolar no contexto de alfabetização. Os elementos que intervêm na relação entre a motivação e a aprendizagem estão ligados à família, às condições sociais, econômicas e culturais dos alunos, às políticas educacionais e à escola.

Os estudos sobre motivação e aprendizagem têm voltado sua atenção para o aprender na escola, com foco no papel do professor, na dinâmica estabelecida na sala de aula que favoreça a alfabetização dos estudantes de forma autônoma e na própria organização institucional.

Para Boruchovit e Bzuneck (2004) dentre os diversos processos intervenientes na aprendizagem, a motivação tem sido um dos mais evidenciados. Esse destaque se deve, principalmente, ao fato de que toda a mobilização cognitiva que a aprendizagem requer precisa nascer de um interesse, de uma necessidade de saber, de um querer alcançar determinadas metas (TAPIA e FITA, 2000).

A motivação pode ser de dois tipos: extrínseca, quando o que move o aprender é algo externo, e intrínseca, quando desejamos aprender pelo prazer e significado da aprendizagem.

Vale salientar que a motivação possui aspectos quantitativos e qualitativos, referentes à sua intensidade e origem, ou seja, a motivação muito baixa não promove a ação para aprender, já a muito alta gera cansaço, o importante é a abrangência da motivação, ou seja, até onde e para quais atividades o aluno vai estar motivado e que as instituições de ensino e os educadores tem significativo papel na criação de oportunidades para que os estudantes, em especial no contexto de alfabetização inicial, compreendam que possuímos uma potencialidade natural para aprender.

É preciso considerar as dificuldades, os interesses e os desejos que apresentam os alunos, bem como os condicionantes pessoais e contextuais envolvidos na relação entre a motivação e a aprendizagem. Todos estes elementos devem ser considerados de forma primordial e integrados, para que o professor possa ajudar os alunos a se moverem

permanentemente, produzindo aprendizagens significativas e relacionadas com seus contextos e histórias de vida.

Assim, diante das dificuldades de aprendizagem é importante ressaltar como objetivo geral, que a motivação no âmbito escolar é um processo e não um produto, segundo (BALANCHO E COELHO, 1996. p. 17) a motivação é tudo o que desperta, dirige e condiciona a conduta, por isso, ela é tida como um elemento fundamental no uso de recursos do indivíduo, de modo a se alcançar um objetivo.

Por esse motivo, se justifica que através da motivação, consegue-se que o aluno encontre razões para aprender, para melhorar, para descobrir e rentabilizar competências tanto na escola, como na sua vida social. Portanto, a motivação é fundamental no processo inicial de alfabetização dos alunos e na apropriação de sua autonomia como pessoa ativa e capaz.

CONCEITO DE MOTIVAÇÃO NOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO SEGUNDO ALGUNS TEÓRICOS

Um conceito aproximado da palavra motivação vem da própria etimologia da palavra, oriunda do verbo latino *movere*, que derivou nosso termo, semanticamente aproximado, “motivo”. Já a palavra aprender, deriva do latim *aprehendere*, significa agarrar, pegar, apoderar-se de algo. Partindo desses conceitos a aprendizagem no âmbito escolar ocorre em função de um processo mediacional que promova a alfabetização e desenvolva no estudante a habilidade de ler e escrever possibilitando codificar e decodificar a escrita e os números, um motivo para apoderar-se de algo necessário à vida do aprendiz, um intercâmbio entre sujeitos - professor/aluno e aluno/aluno.

Muitos são os autores e teóricos interessados no estudo da influência que a motivação tem na aprendizagem escolar. Na psicanálise Freudiana essa relação entre motivação e aprendizagem, passa pelo campo do desejo. Já na teoria walloniana o mover-se no mundo refere-se à dinâmica do conflito vivenciado pela pessoa em diferentes etapas do desenvolvimento.

Na concepção de Vygotsky (1999), por exemplo, o que move o sujeito são os desejos, as necessidades, os interesses e as intencionalidades em direção ao mundo de significados culturais. Para Piaget (1991), a evolução do conhecimento é um processo contínuo,

construído a partir da interação ativa do sujeito com o meio (físico e social).

Segundo Freire (1985), o processo de alfabetização se caracteriza no interior de um projeto político que deve garantir o direito a cada educando de afirmar sua própria voz, pois, segundo o autor, “a alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos [...] A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra” (FREIRE, 1985, p. 14).

Portanto, aprender, então, necessita de diversos processos que se auxiliam; a motivação é um deles, como papel protagonista. Já que a promoção da motivação no processo de aprendizagem escolar nos remete a inter-relação dos elementos cognitivos e afetivos no desenvolvimento humano.

COMO SE RELACIONAM MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM

A aprendizagem é influenciada pela inteligência, incentivo, motivação, e, na perspectiva de alguns autores pela hereditariedade. Os elementos fundamentais para manter as novas informações adquiridas e processadas pelo indivíduo são o estímulo, o impulso, o reforço e a resposta. Uma criança ou adolescente motivado possui um comportamento ativo e empenhado no processo de aprendizagem e, dessa forma, aprende melhor.

Segundo Coon (1999) a motivação se refere à dinâmica do comportamento, ou seja, ao processo que inicia, sustenta e dirige nossas ações, são elas: a motivação extrínseca e a intrínseca.

Para Pozo (2002), a motivação extrínseca define uma situação em que o motivo para se obter algo é externo ao indivíduo. No caso da escola, a motivação está fora do sujeito que aprende; são as consequências do aprender e não a própria atividade em si que movem a pessoa em direção à aprendizagem. Esse processo, por parte do sujeito, pode estar relacionado com recompensas externas e sociais, reconhecimento, resposta às demandas e pressões externas, desejo de obter sucesso, êxito, competências e habilidades.

A adoção de recompensas ou prêmios tem sido enfocada pelas teorias comportamentais como: reforço positivo e negativo, pois,

embora o incentivo externo como, o feedback positivo e os elogios aos alunos, também tenha a sua importância, ele deve ser usado de forma cuidadosa e reflexiva. Estudiosos do tema chamam a atenção para o uso criterioso dos estímulos motivadores, evitando que o aluno se torne dependente da motivação externa, isso colocaria em risco sua autonomia e sua atividade no processo de aprendizagem.

A motivação intrínseca é mais desejável, pois estimula no aluno o movimento em direção ao aprender. O aluno investe na aprendizagem de modo mais ativo, autônomo, busca alcançar objetivos pelo desafio de aprender e de crescer. Esta motivação está consorciada com um tipo de aprendizagem mais significativa e mais construtiva.

Para promover a motivação na aprendizagem, tendo como referência o ambiente específico da escola e as atividades para as quais o aluno deve estar motivado é preciso considerar a qualidade e a quantidade dessa motivação, o ideal é que ela esteja em um nível médio. Isto quer dizer que a motivação muito baixa não promove a ação para aprender, pois o indivíduo não tem desejo, não se mobiliza. Por outro lado, a motivação muito alta, rapidamente gera estresse, cansaço, e ansiedade; o que pode prejudicar o raciocínio e a recuperação de informações da memória, necessárias ao aprender (BORUCHOVIT e BZUNECK, 2004).

É importante destacar que assim como os alunos precisam ser motivados, os professores também necessitam de motivação para exercerem sua função de mediadores à aprendizagem com sucesso. O professor necessita de uma formação inicial e continuada, pois, muitas vezes, a própria formação desconsidera a motivação do docente que varia ao longo da carreira do magistério. Para que o professor forme alunos leitores e escritores, por exemplo, é preciso que ele também leia, se expresse, tenha acesso a bens culturais e atribua significado a essa aprendizagem. Do mesmo modo, promover a crítica, a indagação, a autodisciplina dos alunos, exige que o professor viva essas experiências e possua uma base teórica sólida sobre os principais processos que intervêm no desenvolvimento e aprendizagem. Além da formação, o professor necessita ser valorizado socialmente e ter condições dignas de trabalho.

A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR EM RELAÇÃO À APRENDIZAGEM

Para Pozo (2002) todo docente, de algum modo, representa modelos para os discentes. Consequentemente, nenhum sujeito conseguirá facilitar o movimento de outro para a aprendizagem, se não houver nele também esse desejo e ação de mover-se para aprender.

Tapia e Fita (2000) atribuem importância à atuação docente na criação de espaços motivadores e propiciadores de aprendizagem. A atividade do professor de estimular curiosidade, interesse, participação, indagação, reflexão e criatividade é essencial para forjar e manter um ambiente motivador.

Rogers (2001) afirma que a atividade docente só pode ter consequências eficazes, promovendo a aprendizagem, se tiver influência sobre o comportamento do aluno; o que chama de aprendizado autodescoberto, auto apropriado. Para Rogers (1983, p. 333 – 334), referindo-se ao professor:

[...] sejam quais forem os recursos de ensino que forneça – um livro, uma sala de trabalho, um novo aparelho, uma oportunidade para observar um processo industrial [...] suas próprias reações emocionais – ele sentiria que essas coisas são oferecidas para serem usadas se forem úteis ao aluno [...] não pretende que elas sejam guias, expectativas, comandos, imposições de exigências.

Na sala de aula, espaço de linguagem por excelência, é importante que seja enfatizada “a socialização do conhecimento” (MORGADO, 2002), o lugar para uma escuta do aluno, para o respeito mútuo, para o diálogo, entendendo-se este mesmo aluno como sujeito de sua aprendizagem, como o sujeito de seu próprio desejo.

Freud (1974, p. 286), relata que “[...] é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres”. Para ele, a relação com o professor mesclava simpatias e antipatias, críticas e respeito, tendo surgido, nesse intercâmbio, sentimentos contraditórios.

O desejo de aprender move o aluno em direção ao conhecimento, à busca constante de um saber, mas, isso só é possível se o professor

tiver consciência de seu papel como mediador e facilitador de aprendizagens, ajudando o aluno a avançar para níveis mais complexos no aprender (VYGOTSKY, 1996) é fator relevante no cenário motivador.

A participação do professor, por inteiro, (corpo, organismo, inteligência e desejo) nessa relação, na sala de aula, no processo ensino-aprendizagem demanda a participação dos alunos também por inteiro. O organismo transversalizado pela inteligência e o desejo, irá se mostrando em um corpo, e é deste modo que intervém na aprendizagem, já corporizado. (FERNÁNDEZ, 1990, p.62).

Ainda segundo Fernández (2001) todo indivíduo tem a sua modalidade de aprendizagem, ou seja, meios, condições e limites para conhecer. Cada ser humano é uma criação única, possuem uma série de talentos, capacidades e maneiras de aprender, já que aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente.

Portanto o professor é coautor do processo de aprendizagem dos alunos e por isso, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente, ele exerce a função de mediador e motivador desse processo, promovendo aprendizagem significativa, incentivando as habilidades de seus aprendizes e mostrando para cada um deles a sua verdadeira potencialidade.

O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA: MOTIVADORES QUE ATUAM POSITIVO OU NEGATIVAMENTE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A escola tem significativo papel nessa relação, da motivação no processo de aprendizagem, pois é no âmbito escolar que os alunos, têm oportunidades de descobrir seus próprios caminhos apoiados na mediação e na orientação de colegas, professores e dos demais que fazem parte desse ambiente.

A escola, como instituição primordial de construção e disseminação do saber sistematizado, é palco de contradições e desafios. Pensar a educação escolar supõe uma aproximação a temas complexos, como: Alunos com transtornos ou dificuldades de aprendizagem, sucesso ou o fracasso escolar, esses assuntos envolvem diferentes aspectos e

abordagens, tendo como núcleo central a qualidade e a efetividade do ensino e da aprendizagem.

Os professores, frequentemente, se sentem ansiosos frente ao “não aprender” de alguns alunos na sala de aula, e costumam atribuir a responsabilidade primordial por essa problemática aos próprios alunos ou a ausência da família deles, desconsiderando que a isso pode está relacionado vários fatores que comprometem esse não aprender.

Marchesi e Pérez (2004) Chamam atenção para os rótulos que oferecem uma imagem negativa do aluno, afetando sua confiança, sua autoestima e a crença no seu potencial para superar as limitações. O mesmo acontece se a etiqueta do fracasso for colocada na escola, em seu conjunto, porque não alcançou os índices de aprendizagem que se espera dela. É preciso considerar um conjunto de fatores que contribuem com a importância da motivação no processo de aprendizagem, como, a família, as condições sociais, o sistema educacional e a própria escola.

A família desempenha um papel primordial no processo de aprendizagem e alfabetização dos alunos, pois muitas vezes os pais não querem enxergar a criança com as suas dificuldades, nesse momento o vínculo afetivo serve como motivação para o bom desenvolvimento da criança, é papel da família acompanhar a criança em suas atividades feitas na escola e propostas para casa, querer saber como foi seu dia na escola, participar de atividades e encontros propostos pela escola, a família que participa da vida escolar do aluno favorece de forma significativa no seu sucesso escolar.

Os pais quando colocam seus filhos na escola, desejam que eles sejam bem sucedidos e por isso quando este desejo não se realiza como esperado, surge a frustração, rotulando muitas vezes a criança como incapaz, retirando sua responsabilidade e depositando na escola e no aluno toda a culpa pelo fracasso escolar, motivando de forma negativa o aluno, criando um obstáculo entre o aluno e a aprendizagem.

As crianças que assumem responsabilidades que deveriam ser exercidas pela família, sentem-se desmotivadas na escola e conseqüentemente apresentam dificuldades na aprendizagem, no seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, como um todo.

Se família e escola se unissem com o propósito de promover o sucesso escolar e a autonomia social do aluno, teríamos a formação de

uma rede inabalável, pois ambas são responsáveis tanto pela aprendizagem como pela não aprendizagem do sujeito.

FATORES INTERVENIENTES NA MOTIVAÇÃO DO ALUNO

Mesmo cientes de que a responsabilidade pela motivação do aluno não pode ser atribuída somente ao professor, ele é fundamental na dinâmica da sala. A esse respeito Tapia e Fita (2000) citam como elementos intervenientes na motivação do aluno: a seleção dos conteúdos e sua articulação com os conhecimentos próprios dos alunos, o significado que o professor atribui a esses conteúdos e o modo como traduz esses significados para os alunos.

Outro fator que pode motivar ou não, é relativo à avaliação da aprendizagem. Afinal, ela está diretamente relacionada à atribuição de sucesso ou de fracasso escolar. Caso o exercício de avaliar não se torne uma ocasião de aprendizagem, mas de julgamentos, comparações ou rótulos, ele pode ser um fator negativo para a formação da autoestima do aluno, diminuindo suas expectativas e sua disposição para o aprender.

Tapia e Fita (2000) atribuem importância à atuação docente na criação de espaços/ambientes motivadores e propiciadores de aprendizagem. Embora não seja tarefa fácil, é necessária, sobretudo, se pensarmos na dinâmica do sistema de ensino atual com suas complexidades, carências e desafios permanentes.

Portanto, a sala de aula não está deslocada da organização escolar com um todo, cujo projeto pedagógico precisa ter como eixo central o propósito de transformá-la em um espaço de múltiplas e significativas aprendizagens. A participação dos alunos em diferentes projetos, a integração com a família, o trabalho cooperativo dos professores, o diálogo, a construção e explicação clara de regras e normas, são alguns agentes que potencializam um ambiente motivador.

METODOLOGIA

O presente artigo foi elaborado com base em uma pesquisa qualitativa, onde através do referencial teórico foram explorados alguns autores que tratam do assunto, pois, o tema é pesquisado por outros que não foram citados nesse trabalho, mas que são apontados como referência no assunto que é a importância da motivação e sua relação com a aprendizagem no contexto de alfabetização, os que serviram como base para o artigo foram: Balancho (1996), Boruchovit e Bzuneck (2004), Boruchovit (2009), Coon (1999), Fernández (1990 e 2001), Freire (1985), Freud (1914), Morgado (2002), Paiva (2008), Pajares e Schunk (2001), Piaget (1991), Pozo (2002), Rogers (1983 e 2001), Tapia e Fita (2000) e Vygotsky (1996, 1999).

Ludke e André (1986, p.11-13), citando Bogdan e Biklen (1982):

Discutem o conceito de pesquisa qualitativa, apresentando cinco características básicas que configuram esse tipo de estudo, tais como: a pesquisa qualitativa tem ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; os dados gerados foram predominantemente descritivos; a preocupação com o processo do estudo foi muito maior do que com o produto; o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida foram focos de atenção especial do pesquisador; a análise dos dados tendeu a seguir um processo indutivo.

Portanto, esse trabalho fez uma pequena abordagem a um tema que, segundo a revisão da literatura, tem sido considerado um dos mais relevantes para o sucesso dos alunos.

Os principais instrumentos que deram base ao presente artigo foram livros, revistas e artigos que tratam do assunto e que respaldam o que foi pesquisado sobre motivação e alfabetização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando a pesquisa sobre o tema do presente artigo, a motivação e sua relação com a aprendizagem no contexto de alfabetização, tomo como primordial o estudo dos teóricos aqui citados. Essa pesquisa teve como resultado, ratificar o quanto é fundamental

a importância de motivar os alunos que estão no processo inicial de alfabetização, assim como os que já passaram para outras turmas, mas que estão no processo de aprendizagem escolar.

Destaca-se como necessário que o professor invista em aulas que promovam um equilíbrio motivacional desse processo de aprendizagem, já que a pesquisa afirma necessário que a motivação seja balanceada, favorecendo que o aluno seja estimulado a aprender de forma ativa e não se sinta cansado ou sobrecarregado por tantos estímulos.

Assim, Vygotsky (1999) também discute as razões que estão na origem da dificuldade da criança frente à aprendizagem da escrita. A atividade espontânea da criança, como saber o nome de seus familiares, é impulsionada por motivos, necessidades, enquanto a escrita formal demanda habilidades que envolvem mecanismos de abstração complexos. Portanto, a escola tem papel fundamental, no processo inicial de alfabetização e no aprender como sentido de tornar o aluno capaz de exercer seu conhecimento acadêmico e de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, a motivação é primordial no desempenho acadêmico dos alunos e na apropriação total às solicitações do ambiente escolar, contudo, quando se considera a motivação para a aprendizagem, tomando como foco a alfabetização, é necessário ter em conta elementos que são necessários para que essa motivação seja efetuada como: participação ativa e positiva da família, aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais, culturais e a instituição escolar, pois, a aprendizagem é resultante do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos, bem como da transferência destes para novas situações.

No entender de Pajares e Schunk (2001) a escola é observada pela sociedade ocidental como um componente socializador de grande importância e influência na vida das pessoas. Para atingir as suas finalidades é indispensável, no entanto, que se fomente entre os alunos um interesse verdadeiro e um entusiasmo pela aprendizagem e desempenho escolar.

Boruchovitch (2009) destaca a necessidade de transformar a sala de aula num ambiente afável, ativando no aluno o sentimento de

pertença. É essencial que o professor construa um ambiente onde o aluno se sinta integrado, veja legitimadas as suas dúvidas e os pedidos de ajuda. Concretamente, a motivação não é somente uma característica própria do aluno, é também mediada pelo professor, pelo ambiente da sala de aula e pela cultura da escola, pois, das distintas formas de promover a motivação, a principal é que o próprio professor seja um exemplo de pessoa motivada.

Assim, é necessário que o professor use estratégias que possibilitem ao aluno integrar novos conhecimentos, usando, assim, métodos ajustados às suas necessidades e um currículo bem estruturado, não desprezando o papel basilar que a motivação representa para esse processo. As técnicas de incentivo que buscam as causas para o aluno se tornarem motivado garantem uma aula mais produtiva por parte do professor, pois ensinar está relacionado com a comunicação.

Portanto, ratifica-se que, não há aprendizagem sem motivação, assim um aluno está motivado quando sente necessidade de aprender e atribui significado ao aprendido, revelando-se ativo no processo de alfabetização, insistindo em tarefas desafiadoras, que despertem esforço, utilizando estratégias apropriadas e procurando desenvolver novas capacidades de compreensão e domínio de leitura e escrita, criar essa cultura de atuação na escola poderá ser o pilar essencial no processo de alfabetização e no sucesso da aprendizagem escolar.

REFERÊNCIAS

BALANCHO, M.J. e COELHO, F. (1996). **Motivar os alunos** – criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas. Lisboa: Texto Editora.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora, 1982.

BORUCHOVIT, Evely e BZUNECK, José Aloysio. **Motivação do aluno.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BORUCHOVIT, E. (2009). **A motivação do aluno** (4ª. Ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes.

COON, Denis. **Psicologia**: exploración y aplicación. 8ª ed. Madrid: Thomson editors, 1999.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1990.

FERNÁNDEZ, Alícia. **Os Idiomas do Aprendente**: Análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, P. **As muitas facetas da alfabetização**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985.

FREUD, Sigmund. (1914). Algumas reflexões sobre a Psicologia do escolar. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. V. XIII Rio de Janeiro: Imago, 1974.

MORGADO, Maria Aparecida. Contribuições de Freud para a educação. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). **Psicologia e educação**: revendo contribuições. São Paulo: Educ., 2002.p.95 – 116.

PAIVA, M.O.A. **Abordagens à aprendizagem e abordagens ao ensino**: uma aproximação à dinâmica do aprender no secundário. Dissertação de Doutorado, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade de Minho, Braga, Portugal, 2008.

PAJARES, F. e SCHUNK, D. H. (2001). Self-beliefs and school success: self-efficacy, self-concept, and school achievement. Em: Riding, R. e S. (Orgs.). **Perceptions** (pp.239-266). London: Ablex.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991. POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres** – a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROGERS, Carl Ranson. **Um jeito de ser**. 4ª ed. São Paulo: EPU, 1983.

ROGERS, Carl Ranson. **Tornar-se pessoa**. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

TAPIA, José Alonso e FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula.** São Paulo: Loyola, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Obras Escolhidas.** Tomo III. Madrid: Visor, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.